

© 2026 by Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa da SPID ou dos autores colaboradores.

Ditos e Escritos

DOSSIÊ 2025.2

Organização

Angela Coutinho e Fabiola Motta

Ditos e escritos de:

**Angela Moreira . Cecilia Lugon . Claudia Regina . Christiana de
Novais Souto Maior . Ednea Marques . Fabiola Motta . Flavia Bali . Francine
Rocha . Halina Grynberg . Lucia Bianchini . Marcelo Velloso . Norma
Monteiro . Patrícia Nobrega . Vera Vasconcellos.**

Sumário

Editorial

1. O Semestre 2025.2

2. O Ditos e Escritos 2025.2 por...

2.1 Angela Moreira

2.2 Cecilia Lugon

2.3 Christiana de Novais Souto Maior

2.4 Ednea Marques

2.5 Fabiola Motta

2.6 Halina Grynberg

2.7 Lucia Bianchini

2.8 Marcelo Velloso

2.9 Norma Monteiro

2.10 Patrícia Nobrega

2.11 Vera Vasconcellos

3. Os Ditos transcritos – trechos das avaliações feitas no último seminário do semestre

3.1 De Claudia Regina

3.2 De Francine Rocha

3.3 De Halina Grynberg

3.4 De Flavia Bali

3.5 De Angela Moreira

3.6 De Vera Vasconcellos

4. Ditos e Escritos 2026 e os 100 anos de Horus Vital Brazil – Sua obra e o seu legado para cada um

Anexo

"A psicanálise é o único método de investigação e questionamento que pode desfazer as ideologias dominantes no campo do sentido e os significados reiterativos da repetição, como um ofício com um valor subversivo e contestatório de se manter como um permanente questionamento"

(Horus Vital Brazil)

Editorial

A construção deste documento marca uma etapa significativa no percurso do *Seminário Ditos e Escritos*. Ao final do segundo semestre de 2025, ganha contorno, de forma inaugural, um espaço dedicado ao registro de suas memórias: seu primeiro *Dossiê*.

Nele, serão apresentados os conteúdos teórico/clínicos trabalhados ao longo do semestre e, sobretudo, o registro do livre pensar sobre os temas e autores abordados — um pensar inédito, formulado a partir da escuta individual de seus membros, fazendo do *Ditos e Escritos* um espaço de produção.

Esta iniciativa nasce da convicção de sua coordenadora, Angela Coutinho, que, ao longo de sua condução — neste e em outros espaços de estudo — sustenta que, na Psicanálise, não há lugar para mestria, nem para enrijecimentos teóricos. A Psicanálise é um saber inacabado.

Com esse posicionamento, Angela afasta de seus interlocutores qualquer indicação de que o psicanalista deva eleger e ser um seguidor de “mestres”; enaltece a práxis psicanalítica como uma área de saber vasta, grandiosa e plural, sempre em vias de ser repensada. É o que atesta cada autor na história do movimento psicanalítico, cuja prática implica num ‘contexto de verificação’ e ao mesmo tempo ‘contexto de descoberta’. O que, com efeito, desponta como necessidade, ao trabalho realizado com o inconsciente humano.

É dessa defesa da liberdade de elaboração e do pensamento em movimento que este *Dossiê*, portanto, se origina.

1. O Semestre 2025.2

O *Ditos e Escritos 2025.2*, foi realizado entre 08 de agosto e 05 de dezembro de 2025 e coordenado de forma exclusiva por Angela Coutinho, psicanalista e membro titular da SPID, com longa experiência na transmissão da psicanálise.

Os seminários tiveram frequência semanal, às sextas-feiras, no horário de 16h15 às 17h45. Seu formato foi híbrido para o primeiro encontro e transmitido de maneira síncrona via plataforma do Zoom, nas reuniões subsequentes.

Angela apresentou e colocou em discussão no grupo os 15 tópicos/autores sugeridos no final do primeiro semestre pelos participantes. Cada tópico foi esmiuçado nos dois primeiros encontros para a escolha dos temas/autores que seriam trabalhados ao longo de 2025.2. Foi sugerido que escolhessem quatro entre os 15 tópicos; houve uma seleção democrática, através de votação, após apreciações verbais, entre os integrantes do seminário.

Essa proposta teve como objetivo criar uma experiência pela qual os participantes pudessem pensar, escolher e, ao mesmo tempo, se confrontar com a diferença e com as surpresas advindas do processo deliberativo.

A coordenadora fez questão de frisar que essa forma de condução se coadunaria com o que ocorre na clínica psicanalítica, marcada, ela também, pelo confronto com o novo e a alteridade, bem como com a possibilidade de destes, extrair algo inédito.

Ainda dentro dessa perspectiva, Angela pontuou que o lidar com ‘a diferença’ poderia encontrar ressonância na afirmação freudiana de que, a cada caso clínico, a psicanálise é reinventada. Em sua visão, isto viria a situar o psicanalista diante de um paradoxo fundamental inerente à práxis

psicanalítica: se a cada caso a teoria é posta em xeque, seria somente a teoria, ao mesmo tempo, que tornaria possível o acesso ao fato clínico e a sustentação da escuta. Para constatar e lidar com este paradoxo seria fundamental que a teoria fosse posta em 'reserva de uso', isto é, sendo utilizada se e somente se coubesse em cada situação. Desse modo, a teoria ficaria sempre passível de ser problematizada.

Dito isto, teríamos que: se tomada isoladamente e sem questionamento a teoria correria o risco de se tornar um dogma, uma abstração vazia; por outro lado, a clínica, por si só, não se configuraria como prática psicanalítica, sendo, portanto, da tensão entre as duas, que o campo psicanalítico se sustentaria.

Confluindo por essa dinâmica, se cada participante pudesse colocar em ação o exercício do pensamento sobre os temas de maior identificação e o seu lidar com o inesperado, poder-se-ia considerar que um dos principais objetivos do seminário, já de início, teria sido alcançado.

Como resultado da votação, foram selecionados, então, os seguintes temas: (1) Transferência, com 21 votos; (2) Inconsciente e a (3) Clínica de Thomas Ogden, ambos com 16 votos; e (4) Diagnóstico em Psicanálise, com 12 votos.

Com estes temas estabelecidos, Angela escolheu os artigos que seriam 'pre-textos' para a discussão e a elaboração do grupo. Dentro do tema Transferência, privilegiou a análise da Transferência de Trabalho como marco inicial de estudo para 2025.2, inspirado no artigo "Ensino e transferência de trabalho" de Elisa Alvarenga (2003). Segundo a autora, o ensino da Psicanálise só pode funcionar como 'transmissão' de um sujeito ao outro pela Transferência de Trabalho. Distinguindo o 'trabalho de transferência' da 'transferência de trabalho', há no primeiro o amor de transferência como amor ao saber – ou àquele a quem se supõe saber – enquanto a transferência de

trabalho pressupõe um ‘desejo de saber’, ao se constatar um furo no saber. Neste sentido, privilegiando a Transferência de Trabalho, o psicanalista ensina em posição de analisando, a partir do que lhe toca no corpo, a partir de sua própria experiência de análise. Ele faz de sua análise, ensino. É um ensino contingente, isto é, só há ensino no sentido de transmissão em psicanálise se quem ensina, aprende com o que ensina, encontrando algo novo.

Não há mestria no ensino em posição de analisando, pois ele entra com sua castração simbólica, sua divisão, seu desejo, o que é diferente de uma proposta pedagógica.

Pela transferência de trabalho, o analista transmite um estilo e ‘induz’, isto é, provoca o trabalho de outros, abrindo espaço para o livre pensar.

Desse modo, somada ao legado da experiência de análise pessoal, a escuta/leitura do material transmitido, convocaria cada ouvinte/leitor a se responsabilizar pelo que recebe, e a construir uma produção própria a partir daquilo que assimilou. Neste sentido, a transmissão em psicanálise implica num atravessamento pelo sujeito, provocando uma mudança de posição subjetiva.

A partir dessa escolha metodológica, o seminário passou a discutir o Inconsciente que por definição é incognoscível. Como transmitir de modo racional algo que escapa justamente a esta lógica? “Não haveria em Freud sutilezas conceituais remanejadas pelas exigências clínicas de apropriação do conceito do inconsciente e de sua articulação com o corpo pelo conceito de pulsão? Nessa perspectiva processual, não haveria uma metapsicologia traçada pela causa, uma ética do desejo, pensada a partir do Real?”

Como via de elaboração para as reflexões levantadas, a bibliografia indicada por Angela organizou-se em torno de seu recente livro: Inconsciente (2025), que aborda diferentes matizes: “O corpo como matriz do inconsciente”;

“A pulsão e o inconsciente”; “Inconsciente na metapsicologia”; “O sonho como via régia de acesso ao Inconsciente”; “Inconsciente e Linguagem”; “A função da causa, o sujeito do inconsciente”. Por fim, “Como opera o inconsciente na situação analítica, com ênfase na intervenção do analista e manejo da resistência”, assim como um depoimento testemunhando a escuta do analisando e um estilo de escuta.

A discussão acerca deste tema se encaminhou ainda para a genealogia do Inconsciente, forjada por Freud. Para um comparativo com os outros autores, Angela, a título de uma experiência com as novidades dos recursos tecnológicos de pesquisa, sugeriu que o grupo formulasse perguntas à ferramenta de inteligência artificial, Chat GPT, para que os achados fossem discutidos no seminário. Desse modo, foi abordada a diferença entre o inconsciente freudiano, o Inconsciente Coletivo de C.Jung e o Inconsciente Maquínico de F. Guattari

Na sequência, o estudo retornou de maneira mais direta para a questão da Transferência em Análise. Foram trabalhados os artigos “A transferência em Freud”, de Welber de Barros Pinheiro (2014), e o de Marcia Cristina Maesso (2020), “A estratégia da transferência como contradispositivo”; este último, a partir do diálogo com a lógica foucaultiana, interrogou a questão do dispositivo em psicanálise e sua função, baseada na transferência, correndo o risco de se constituir como dispositivo de poder. A pergunta que orientou essa discussão foi: como a transferência pode ser utilizada na prática analítica, sem que se transforme em um dispositivo de poder? ou melhor, como a transferência pode ser usada como contradispositivo?

A ética do psicanalista é orientada para a escuta do sujeito autor. O aspecto fundamental desta ética sustenta a estratégia da transferência e seu manejo como contradispositivo do poder.

Chegando à metade do itinerário programado para o semestre, o tema do Diagnóstico em Psicanálise foi introduzido a partir de uma comparação entre Freud e o pensamento de Lacan, através do artigo “Diagnóstico em Freud e Lacan: objetivos, métodos e critérios” de Marcos Chedid Abel (2013). Depois seguiu-se com os artigos “Dando nome aos Bois - sobre o diagnóstico em psicanálise” de Marcus André Vieira (2001) e “A importância e o perigo do diagnóstico”, de Thales Tannus (2025). Com estes referenciais, destacou-se o perigo em relação à singularidade do sujeito quando um diagnóstico é rigidamente colocado, produzindo a cristalização da rede simbólico-imaginária e comprometendo o acesso do sujeito à produção de sentido; por outro lado, a importância do diagnóstico foi ressaltada como norteadora da direção da cura, protegendo tanto o analista como o analisando. O manejo clínico não é o mesmo quando se escuta um neurótico ou um psicótico, por exemplo. Contudo, o diagnóstico é contraditório com a essência da análise e esta é a razão da dificuldade porque todo diagnóstico implica em classificação, isto é, inserir o sujeito num grupo, definir características que o representam com todos os efeitos de mortificação da singularidade do sujeito. Do mesmo modo, há o perigo de se “idealizar” esta singularidade como utópica, desconsiderando que “cada sujeito é atravessado por um modo singular de gozo que não faz grupo nem classe”. O diagnóstico estrutural é situado na vertente real da nomeação e ao invés de inserir o sujeito num grupo, marca sua singularidade.

O ponto de culminância do *Ditos e Escritos 2025.2* consistiu em uma perspectiva de maior pluralidade, fora do eixo Freud Lacan, com a leitura de três artigos voltados ao trabalho do psicanalista norte-americano Thomas Ogden. Foram utilizados os textos: “A importância de Thomas Ogden para Psicanálise Contemporânea”, artigo de Fabio Brinholli & Nelson Ernesto Coelho Jr (2020); a transcrição da entrevista “Thomas Ogden em conversa com

Luca Di Donna”, lançada como artigo pelo próprio Thomas H. Ogden (2016) e o artigo “*Como eu falo com meus pacientes*”, também dele (2022). Através dos escritos, tornou-se possível observar como se dá o movimento pós-escolas ou inter-escolas, de forma a valorizar o que elas podem contribuir para a clínica de cada um, sem que isso se confunda com o ecletismo. Trata-se de pluralismo, uma abertura às diferentes contribuições.

Segundo Angela, o ecletismo consiste em conhecer um pouco de cada coisa, sem aprofundar em coisa nenhuma, enquanto o pluralismo valoriza a contribuição de cada autor e sua linha de pensamento, sem que haja mimetismo de suas ideias, preservando a liberdade e a independência do pensamento. Trata-se de poder usar os autores como instrumentos de reflexão, e não de ser dominado por eles, passando à condição de seguidores.

Obs: A listagem com o acesso a todos os artigos trabalhados em ordem cronológica, encontra-se no anexo deste documento.

Ao final do semestre, os membros foram convidados a apresentar no último encontro do ano:

1. Uma reflexão pessoal sobre o semestre que:

- Poderia ser de forma textual, oral ou escrita.
- A partir de uma página, cinco páginas, um parágrafo, uma frase, ou um recorte que tenha marcado a sua experiência.
- Este deveria expressar o que o semestre significou para o membro: um conceito, uma cena, um deslocamento, um incômodo ou uma descoberta.

Ou, ainda,

2. Uma avaliação do semestre como um todo:

- O que achou da metodologia, organização, percurso e temas tratados.
- O que funcionou, o que atravessou e o que se perdeu.

- Uma devolutiva que ajudasse o grupo a fechar um ciclo e nortear o próximo.

E assim, alguns membros contribuíram para o conteúdo das próximas páginas deste dossiê.

2. Ditos e Escritos 2025.2 por...

2.1 Angela F.S. Moreira

Avaliação do Seminário Ditos e Escritos - Ano: 2025.2

A forma como a professora Angela Coutinho "conduziu" (de "condução" não teve nada) o Seminário, foi bem participativa, nos convidando a buscar em nós o aprendizado que temos, nossa bagagem de mão, nossas perguntas, estimulando a abertura para novos questionamentos, nossas possíveis "certezas", o nosso "suposto saber". A nos desarmamos e chegamos mais perto - humildes e empáticos - de nossos analisantes reconhecendo a importância do conhecimento teórico, que nos instigam e sustentam na prática clínica, analítica, tendo como norte a profunda, complexa, ética do desejo.

Me senti fazendo mil articulações e buscando caminhos de entendimento. Como se eu estivesse no divã e mergulhando com um misto de aflição, medo pelo tanto que não sei, mas muito presente e buscando respostas.

Em vários momentos, me vi permitindo o silêncio e percebendo um vasto caminho a conhecer, trilhar.

Muito grata, Angela. Em breve estarei junto para uma nova jornada ao desconhecido.

2.2 Cecilia Lugon

Pessoal, boa tarde! Estou correndo um pouco aqui porque estou viajando e não conseguirei estar presente no nosso encontro. Não consegui tempo para escrever muita coisa, e usando a perspectiva da Angela de que poderia falar apenas uma palavra ou uma linha, vou escrever em associação livre algumas coisas que foram marcantes no semestre e que me interessaram nesse momento em que estou atualmente, começando a atender meus primeiros pacientes depois de formada. O texto mais marcante para mim foi "A Estratégia da Transferência na Psicanálise como Contradispositivo", em especial no confronto da ética da psicanálise com a ideia do dispositivo no contexto das relações de poder. Também fui tocada pelo primeiro contato com Ogden e suas metáforas para pensar a clínica, sua alusão à humanidade para pensar uma singularidade que se coloca a partir do que me pareceu um olhar relacional, bilateral, no contexto clínico. Por fim, fiquei dias e estou até hoje pensando sobre a reflexão do Marcelo sobre também se colocar a função analista numa espécie de "reserva de uso" (para além das teorias que estariam em reserva de uso), e fiquei tocada pelo exemplo do adolescente e a delicadeza desse processo transferencial (o adolescente que finalmente deu um sorriso).

2.3 Christiana de Novais Souto Maior

Este seminário me fez pensar na transferência e no lugar do analista: único e singular.

Ocupar este lugar é preciso silenciar e escutar o dito.

Como a escuta faz toda a diferença. Tanto de um lado quanto do outro.

O que o analisando pode ouvir, o que escuta e como escuta.

Tudo o que é dito no percurso de uma análise e suas nuances.

Também a importância 'imperativa' da análise pessoal do analista.

A 'melodia' do analisando que se repete. As palavras e frases que podem adquirir novos sentidos ou ficar sem sentido.

Como escuta e como processa o que lhe é dito.

Por vezes algumas respostas são surpreendentes.

Tudo vai depender de como ele, o analisando, escuta como o analista escuta e o que lhe diz.

Pode produzir com o trabalho analítico uma 'nova melodia' única e individual. Atravessar sua dor e conseguir assim vibrar com outros 'tons, sons e ritmos'.

Gerar mudanças e transformação.

Poder assim viver com maior leveza e fluidez.

2.4 Ednea Marques

Gostaria de acrescentar a minha percepção em relação ao seminário Ditos e Escritos, coordenado pela Angela Coutinho.

Tenho participado desse seminário desde o início e a dinâmica dos encontros são muito valiosas. Não há um semestre igual ao outro. A possibilidade de todos participarem dos temas e da dinâmica faz com que cada um se aproprie como criadores e isso faz toda diferença.

Em muitos encontros, tenho vontade de participar mais ativamente, mas minha neurose nem sempre permite, fico tímida e sigo muito mais atenta às discussões do que falando.

Ao pensar sobre como sou afetada pelos encontros, por livre associação, me veio a ideia pedagógica do construtivismo, construção do conhecimento, onde os participantes, não só têm a oportunidade, como são incentivados, a descobrir o que já foi descoberto. Isso mesmo, nós, participantes, ao falar sobre as nossas percepções livremente, sem a intervenção de um “suposto saber”,

descobrimos na experiência, nas trocas, como a teoria pode se articular com a clínica, por exemplo.

Esse modelo, para mim, é muito interessante porque o saber construído é um saber que nasce da descoberta, das conexões, das trocas, do pensar, do criar.

Me parece que podemos fazer uma analogia ao processo de análise, onde a singularidade é respeitada e a cada encontro as descobertas nos fascinam.

2.5 Fabiola Motta

Reflexão sobre o semestre no Ditos e escritos – 05.12.2025

Esse semestre, foi minha primeira experiência no seminário Ditos e Escritos, em 2 anos como membro da SPID.

O nome deste seminário esteve presente em minha vida mesmo antes de eu fazer parte desse espaço de pensamento que é nossa sociedade, pois há alguns anos atrás, quando comecei meu percurso teórico na psicanálise, pensando em montar uma coleção de trechos e passagens de textos que me sensibilizassem, eu fiz um perfil exatamente com esse nome no Instagram.

Eu não evolui nesse projeto, o perfil até existe, mas não fora mais alimentado e sequer lembro a senha para o seu acesso...

Seguindo na caminhada de meus estudos, ainda sem ser membro da SPID, mas já frequentando alguns seminários de forma avulsa, eu me deparei com o “Ditos e Escritos” ... claramente minha atenção foi tomada pelo nome do seminário, mas por algum motivo não reconhecido por mim, não cogitei a participação nele nessa época.

De todo modo, percebia que o “Ditos” ficava sempre como uma possibilidade... eu pareço ter organizado alguma forma de estar perto dele... por exemplo, já membro, passei a fazer parte do “Panorâmica do pensamento

freudiano”, e sempre tinha uma espécie de “cross over” entre ele e o “Ditos e Escritos”. No último encontro do primeiro semestre de 2025, teve uma dessas transições entre os dois que avançou muito no horário, e aí a Angela Coutinho precisou encerrar a transmissão do zoom de um, para iniciar no link do outro... minha sensação foi de quebra de continuidade... quase que eu pedi: “deixa eu participar hoje?” ... não pedi... depois disso decidi finalmente me matricular para o semestre que estamos.

Eu já me perguntei algumas vezes, do porquê será que fui tão resistente? Eu imagino que possa ter relação exatamente com esse exercício que tento imprimir agora: o de escrever... ô coisa difícil! Escrever é apresentar nosso mundo interno... e não à toa fazemos análise para lidar justamente com esse lugar.

Mas na jornada desse ano, escutando os trabalhos apresentados por alguns colegas deste grupo, sob, ao meu ver, um olhar oferecido pela Angela, sentada na plateia, que acolhia e sustentava cada pensamento, eu pude começar a entender um pouco do propósito desse seminário.

E essa percepção que tive, mesmo antes de fazer parte do seminário, acabou sendo validada, a partir do contanto com os textos trabalhados no semestre, sobretudo os artigos “Ensino e transferência de trabalho”, de Elisa Alvarenga (2003), e “A estratégia da transferência como contradispositivo” de Marcia Cristina Maesso (2020).

Deste último, a lógica descrita por Maesso sobre o conceito de dispositivo nopensamento de Agamben, se contrapõe exatamente a lógica do “Ditos e Escritos”. Em sua descrição, a autora destacou que a interpretação deste filósofo, sobre a complexa definição de dispositivo – formulada inicialmente por Foucault – foi o argumento de que um dispositivo é tudo o quanto possa exercer a função de: “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar,

controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Tirando o capturar (pelo encanto que de certa forma nos causa) e o orientar (no sentido conferir uma bússola aos estudos pelos “pretextos”), nosso seminário fica exatamente no lugar contrário desta visão, ganhando seu lugar cativo no conceito de contradispositivo.

Para finalizar, me vejo tomada a destacar, do texto de Elisa Alvarenga (2003), o seguinte e tocante (para mim) fragmento: “Se no trabalho de transferência há amor ao saber, na transferência de trabalho se transmite o desejo de saber”. E, posto isto, como não enxergar o “Ditos e Escritos” nesta passagem.

2.6 Halina Grynberg

Contribuição para o processo de formação de analista e suas interseções a partir da experiência no Seminário Ditos e Escritos, com Angela Coutinho, 2025 na Spid

Por Halina Grynberg, 2 dezembro 2025

Do texto “Da identificação projetiva ao conceito do terceiro analítico de Thomas Ogden: um pensamento psicanalítico em busca de um autor” por Maria Ribeiro ^[1] reflito, numa leitura transversal à posteriori, a experiência das relações entre teoria, clínica e a formação de psicanalistas; e recolho pensamentos avulsos que me atravessam, da experiência de elaboração em grupo no seminário Ditos e Escritos em Psicanálise, 2025.

A experiência coletiva de elaboração e leitura do material de referência bibliográfica, cuidadosamente selecionado por Angela Coutinho, nos faz concordar com o pensamento, Ogden (2010)^[2] quando aponta como as contribuições anteriores de teóricos da psicanálise afetam as posteriores, seguindo uma ordem cronológica inversa, onde leitura e debate das produções de autores contemporâneos alteram a nossa leitura de textos clássicos da psicanálise. Ao revisitarmos a produção teórica e clínica destes autores

matriciais podemos encontrar o que estava lá, ainda não em forma de ideias bem construídas, e que se não puderam ser pensadas na ocasião, restaram presentes no texto para os supostos leitores no futuro, que num tempo *à posteriori*, promove ainda novos sentidos e ressignificações. São como pontos de partida de rêveries.

Este conceito original de Wilfred Bion, psicanalista britânico nascido na Índia em 1897 e falecido Oxford em 1979, acarretou contribuições significativas e inovadoras para a teoria e a prática da psicanálise, especialmente na área de psicanálise de grupo e na teoria do pensamento. O conceito de rêverie refere um estado mental do analista (supostamente sem desejo ou memória) e sua capacidade de estar aberto e receptivo às identificações projetivas do paciente - funcionando como um "continente" para os "elementos beta" (experiências emocionais brutas, não simbolizadas) do paciente. É nesse estado que o analista "sonha" ou processa emoções, transformando-as em "elementos alfa" (simbolizáveis) que podem, eventualmente, ser devolvidos ao paciente na forma de uma interpretação ou conversação (Ogden) na prática da psicanálise.

Outro dos conceitos mais significativos de Bion (transposto da teoria kleiniana), e reconvocado por Ogden, é o de *continente-conteúdo* (o *container-contained*). Essa hipótese descreve um processo psicológico no qual uma pessoa (o continente ou analista) recebe e processa sentimentos e experiências insuportáveis de outra (ao modo de identificações projetivas), de forma semelhante à relação entre mãe e bebê.

Deste espaço de simbolização e continência Thomas Ogden postula o conceito de "terceiro analítico" ou "terceiro sujeito intersubjetivo". Este terceiro é um espaço potencial, uma dialética única que emerge da interação inconsciente entre as subjetividades do analista e do analisando dentro do *setting* analítico. A *rêverie* (tanto do analista quanto a que ocorre no campo) é criada e descoberta nesse espaço compartilhado, nesse terceiro analítico, e não apenas

na mente de um ou de outro isoladamente. É o produto da interação, um novo significado que se cria na relação e que permite a elaboração dos afetos.

Portanto em Ditos Escritos, a *rêverie* e o campo analítico se fazem presentes como experiência, qual um fenômeno complexo do campo analítico, que sendo experienciado e, de alguma forma, verbalizado pelos que acompanham o seminário, ganha significações e função transformadora através da interação e de um estado de criação em grupo.

[1] de Marina FR Ribeiro - Professora do Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). In *Ágora* (Rio J.) 23 (1) • Jan-Abr 2020 / <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001007><https://doi.org/10.1590/1809-44142020001007>

[2] OGDEN, TH *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

2.7Lucia Bianchini

Reflexão sobre a minha experiência com o Seminário "Ditos e escritos" - 05/12/2025:

Me inscrevi neste seminário partindo de uma expectativa inicial: algo relacionado à escrita psicanalítica, escrita de casos ou experiências clínicas. Sem conhecer previamente o trabalho da Angela e movida pelas minhas associações livres, fui ver no que isso ia dar.

No primeiro encontro presencial, percebi que não era nada do que eu imaginava. A compreensão do funcionamento do Ditos e Escritos foi se construindo aos poucos – descobri que há uma continuidade entre os semestres, que os temas surgem de propostas discutidas coletivamente, e que o próprio debate para escolher os temas já é uma parte do seminário.

Os temas que mais me interessaram foram “O inconsciente”, “Diagnóstico em psicanálise” e “Ogden”.

"O inconsciente": li o texto previamente, fiz anotações e sublinhados, e fui para o seminário onde não se falou praticamente nada diretamente sobre o texto. Compreendi então a proposta: o texto funciona como base para uma improvisação coletiva, um ponto de partida para associações e elaborações que surgem no próprio encontro.

"Diagnóstico em psicanálise": este tema, debatido em três encontros, foi um dos que mais me mobilizou. Trata-se de uma questão que se faz presente tanto na clínica quanto no cotidiano, e que me inspirou reflexões importantes e desdobramentos posteriores.

Ogden: É um autor que me desperta curiosidade há tempos e quando vi a oportunidade de estudá-lo um pouco, logo me animei. Durante a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso (graduação em psicologia) "Som e silêncio: a musicalidade na clínica psicanalítica", seu pensamento apareceu repetidamente, gerando o desejo de um aprofundamento futuro. Acabei deixando para depois porque senti que precisava mergulhar mais no Freud antes de qualquer coisa.

Alguns pontos centrais da discussão: a ideia de um clima que emerge quando nos permitimos estar em um lugar de não saber; o clima como criação conjunta; o terceiro analítico como resultado do encontro; o sonhar junto (escutar o que não é dito e improvisar a partir de afetos não nomeados); o campo analítico como partitura viva – como no jazz, se escreve junto e com o que se tem naquele momento; a questão não é sobre saber racionalmente, mas sobre se deixar afetar sem perder a sustentação teórica.

Gostaria de compartilhar um trecho do meu TCC que ajuda a ilustrar a forma que eu penso a musicalidade na clínica e sua relação com o pensamento de Ogden:

"Quando penso na musicalidade da clínica, penso na escuta musical como uma experiência intrinsecamente ligada ao conceito de viver criativo. Se imaginarmos que o dueto paciente-analista está em uma *jam session*, cada um precisará ser criativo e espontâneo para desenvolver uma frase melódica dentro de uma base harmônica. Para que isso aconteça de forma consonante, é importante que estejam sintonizados. A base harmônica poderia ser o setting psicanalítico ou a base teórica da psicanálise.

O analista não sabe o que o paciente vai dizer, não sabe quais sentimentos serão despertados durante a análise e nem como o que é trazido para o setting vai afetá-lo contratransferencialmente. Tendo isso em vista, precisa estar aberto e disponível para improvisar e criar um som em conjunto.

Podemos considerar que o som criado é o que Thomas Ogden chamou de 'terceiro-analítico', um conceito que diz respeito à intersubjetividade inconsciente da dupla analista/paciente – o produto gerado pelo encontro das subjetividades dentro do setting. O processo analítico é um reflexo da inter-relação dessas três subjetividades (do paciente, do analista e do terceiro). Ogden afirma que a psicanálise é uma experiência para ser vivida, que não pode ser totalmente explicada e compreendida em palavras, prezando a criatividade do analista e do paciente como algo a ser trabalhado conjuntamente, formando uma dupla 'sonhante'.

Juntando esse conceito de intersubjetividade com o que pensamos como musicalidade dentro da clínica, colocamos a música no lugar de comunicação simbólica de um material pré-verbal, que só é expresso através da criatividade, liberdade e rêverie."

2.8 Marcelo Velloso

Entre a teoria e a presença: reflexão sobre o analista no setting.

A leitura de *Winnicott*, de Adam Phillips (Ubu Editora), acabou por me conduzir, de maneira imprevista, a uma interrogação de natureza fundamental a respeito da prática psicanalítica. Quais são os critérios pelos quais podemos sustentar que aquilo que fazemos no setting é, efetivamente, psicanálise, e não simplesmente um conjunto de práticas sem fundamento necessário, uma sequência de intervenções contingentes ou mesmo arbitrárias? Destaco a seguir a passagem do texto que me causou afetação e deu origem a esta reflexão, em que Phillips, ao ler Winnicott, chama a atenção para uma mudança de ênfase: menos interesse no que o analista faz e mais atenção ao que o paciente experimenta. Ele escreve:

“...o essencial para Winnicott, em relação às interpretações, não é seu conteúdo nem a intenção por trás delas, mas a forma como o chamado paciente as entende.”

Cada vez mais me parece que o que mais importa não é o que o analista diz, mas o que o analisando faz com aquilo que constrói a partir do que supostamente escutou. A interpretação não funciona como instrução nem como explicação que produza efeitos diretos. Seu destino não está na intenção de quem a fórmula, mas no modo como é recebida, apropriada e transformada.

Ela só ganha sentido quando atravessa uma trama de conceitos que estrutura cada sujeito, em grande parte de maneira inconsciente, para escutar, organizar e transformar aquilo que ouviu, ou não ouviu, ou talvez nem sequer tenha sido dito, e produzir algo em sua própria narrativa.

Essa dificuldade não é exclusiva da clínica. Ela pertence, mais amplamente, à própria condição de toda tentativa de compreensão. Ao reler *Comentário ao Banquete de Platão*, de José Ortega y Gasset, reencontro uma formulação que me parece dar sustentação conceitual muito precisa a esse ponto. O que ele

descreve ali a propósito do ato de ler vale, sem grandes deslocamentos, para o ato de interpretar: tanto um texto quanto um sujeito. Em ambos os casos, trata-se sempre de uma tarefa estruturalmente utópica, condenada a nunca secumprir plenamente, mas ainda assim inevitável e necessária. “Ler, ler um livro é, como todas as demais ocupações propriamente humanas, uma tarefa utópica. Só é possível, com um grande esforço, extrair uma porção mais ou menos considerável do que o texto pretendeu dizer, comunicar, declarar, mas restará sempre um resíduo ‘ilegível’. 1º Todo dizer é deficiente — diz menos do que quer. 2º Todo dizer é exuberante — dá a entender mais do que se propõe.” (ORTEGA Y GASSET, s.d., s.p.)

Assumir a incompletude estrutural da interpretação tem consequências na clínica. Se toda interpretação é estruturalmente exposta ao risco de ser deficitária ou excessiva, então me parece que o que realmente faz a diferença nesse encontro não é o acerto do que se diz, mas a sustentação de uma presença na qual algo possa, de fato, se dar. Cada vez mais me dou conta de que meu trabalho analítico tem muito pouco, ou talvez nada, de condução, e muito mais de testemunho: estar ali, de modo suficientemente nítido para o analisando, enquanto ele faz algo com aquilo que se produz no nosso encontro.

É na minha análise pessoal e no acompanhamento de meus analisandos que me arrisco a afirmar: é ali, na forma singular como cada um recebe e elabora aquilo que escuta, que algo realmente pode se mover. É o sujeito em análise, e não a intenção do analista, que decide o “endereço” do que é produzido no trabalho analítico. Reafirmando o que disse antes, o que cabe ao analista é suportar permanecer. Permanecer pelo amor à clínica, ao analisando e à própria psicanálise. Oferecer-se, de algum modo, em sacrifício, não como gesto religioso, mas como ato, como um fazer que se entrega à experiência do outro. É isso que aparece com clareza em certos momentos muito concretos da minha

clínica: na maneira como eu, como analista, reajo quando um analisando revela cortes recentes no próprio corpo; na qualidade do meu olhar ao sustentar uma sessão tomada pelo choro; no gesto aparentemente simples de oferecer uma manta contra o frio da sala; no uso, ou na suspensão, do silêncio; no efeito, às vezes excessivo, de uma interpretação; ou mesmo no significado que pode assumir, para um analisando, uma lata de refrigerante amassada que deixei esquecida sobre uma mesa ao meu lado.

Esses momentos, meio perdidos nas entrelinhas de uma sessão, que acredito que acontecem o tempo todo em todos os settings analíticos, denunciam que algo pode se decidir sem que isso passe pela intervenção consciente do analista e mostram, de maneira muito precisa, os limites de qualquer tentativa de reduzir a clínica a um conjunto de procedimentos. Esse belo momento, esse mistério, corre o risco de ficar perdido no tempo e no espaço se não estivermos muito atentos à linguagem que está se dando no encontro clínico e a como isso é rico de significado.

O analista como reserva de uso.

Enquanto eu lutava com essas ideias, lembrei da fala da Angela Coutinho sobre a teoria como uma “reserva de uso”. Acho um conceito maravilhoso, mas essas reflexões recentes começaram a me fazer sentir que faltava mais alguma coisa. Pensei que poderia haver outra instância, mais primária, intermediária: uma espécie de ponte entre o setting clínico e a reserva teórica.

A ideia do analista, ou signo do analista, que representa uma realidade fabricada pelo analisando ou mesmo pela cultura, precisa ficar deslocada do sujeito que assume esse lugar.

Como observa Izidoro Blikstein, no livro *A fabricação da realidade*, “o signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas, isto é, a realidade”. É

nesse sentido que se pode pensar o analista, enquanto lugar com reserva de uso, como um signo: não o indivíduo empírico sentado na poltrona, mas a posição que, na cultura, representa o que significa ser analista. Não podemos nos identificar demais com essa ideia do signo do analista. Isso seria tão prejudicial, ou até pior, do que retirarmos a teoria do lugar de reserva de uso. É preciso manter o signo do analista também como reserva de uso. Caso contrário, ficaríamos cegos e com a escuta totalmente comprometida. É como se o setting precisasse ser assim: **sujeito, sujeito, signo do analista como reserva de uso, teoria como reserva de uso.**

Mas quem, afinal, permanece junto ao analisando no setting?

Vem se tornando cada vez mais claro para mim que o que permanece ali não é o teórico armado de conceitos, nem o profissional aplicando uma técnica, nem mesmo a encarnação de um arquétipo. O que permanece é algo mais simples e, ao mesmo tempo, mais exigente: **o sujeito resultante da análise pessoal.**

Um sujeito que atravessou sua própria experiência de dor, de impotência, de não saber, e que continua, ainda assim, **sustentando seu lugar, sua própria vida e fazendo evoluir sua trama de conceitos. Desse resultado, deve surgir esse sujeito** que não se esconde **atrás** de uma teoria e nem se protege no signo do analista.

Talvez isso seja o que podemos nomear como presença clínica: não a presença de alguém que sabe, mas a de alguém que suporta permanecer. Não como garantia, não como modelo, não como ideal, mas como condição para que algo, no outro, possa finalmente começar a se mover.

2.9 Norma Monteiro:

Já faço esse seminário desde o ano passado, não faço formação na SPID, sou membro participante!

Conheço a Angela desde 1983, onde fiz Cepcop na Santa Ursula e gosto muito da maneira como ela conduz esse seminário, com muita liberdade, sem regras fixas e sempre nos incentivando a pensar criativamente!

O que sempre fica mais pregnante para mim é a sutileza da escuta, tanta na transferência, como também pensando no diagnóstico, nas estruturas, é o poder escutar, ver a singularidade daquela pessoa, ficando a teoria como fala a Angela, como reserva de uso.

Gostei de começar a ver um pouco do Ogden, não pude ler muito porque estou com um problema na vista, mas pude ouvir o que as colegas falaram e achei bem interessante!

Falo pouco o que pode parecer desinteresse, mas é meu jeito! Um abraço para todos

2.10 Patrícia Nobrega

Boa tarde! Como não poderei participar do encontro hoje, apresento aqui minha reflexão.

A resistência tem ocupado ultimamente minha atenção, e tenho procurado valorizar essa condição clínica, deixando que ela apareça sem querer eliminá-la, sem achar que é um entrave ao trabalho analítico.

É interessante acompanhar a resistência de perto, ouvir a resistência, usar a resistência na escuta e nas intervenções (a resistência do analista/minhas também).

Tenho procurado ouvir a resistência tanto como "legítima defesa" do que quer que seja, quanto um movimento político, legítimo, contra uma autoridade ou o sujeito suposto saber; e dentro desse movimento contrário tenho podido manejar a transferência, a contratransferência, sem intervenções apressadas, podendo, realmente, exercer, do lugar de analista, uma escuta amorosa.

2.11 Vera Vasconcellos

Reflexão SPID/2025.2

Fui atropelada e instigada. Levei um susto! Busquei, então um caminho reto, direto sem curvas e sem surpresas. Não havia tempo, nem espaço para o inesperado. Precisava ter tudo claro, compreendido e planejado; mas um incômodo apareceu, algumas curvas e mais uma, e outra mais. Certezas foram ladeiras abaixo, novas propostas de caminho e novas rotas.

Não é fácil admitir que novas rotas (ou a ausência delas) são possíveis. Eu me senti perdida, neste novo recomeçar. Será que estou perdendo tempo? O “velho”, que deixei para trás, para encontrar depois, não existe mais (ou importa pouco). As mudanças, na minha ausência foram muitas. Elas me assustam. Parece que estou batendo com as mãos no vento, eu me senti sozinha. De repente, um convite, um olhar seguro me transportou para um acolhimento triangulado. Elas não permitiram que eu parasse de andar. Mesmo com pés incertos e olhos lacrimejados, pude seguir caminhando: um pé depois do outro. Nada, absolutamente nada, foi do jeito que eu imaginava. Não pretendo deixar de caminhar. Agora tudo está completamente diferente do que imaginei. Ainda bem que cheguei assim: mais eu, não menos insegura, porém mais feliz.

Preciso admitir: até aqui o trajeto tem valido a pena.

3. Os Ditos transcritos - trechos das avaliações feitas no último seminário do semestre

3.1 De Claudia Regina

“Eu achei o seminário, muito profundo e leve ao mesmo tempo, porque eu estou há dois anos na SPID e foi a primeira vez que eu tive essa oportunidade de ter um seminário não linear, em que cada problema que existe no setting conseguiu ser trazido de uma forma positiva... com objetivo... e com a responsabilidade do analista em relação ao analisando.

Gostei dos temas iniciais e o final com Ogden... Muito obrigado pelo tempo que eu passei aqui e pude participar com todos que tem mais experiência do que eu... Vou voltar e vou continuar os meus estudos, e espero que isso me dê uma abertura cada vez maior de entendimento, que é o objetivo para se ter uma linguagem criativa e ao mesmo tempo profunda.”

3.2 De Francine Rocha

“Desde que eu entrei na SPID, eu tenho feito o seminário. Para o meu gosto, esse foi o melhor que eu participei até hoje. No início do semestre, pela escolha dos temas e dos textos, eu já tinha ficado super entusiasmada, e foi o que eu previa. Os temas maravilhosos, pelo menos para o meu momento... para a minha maturidade ou imaturidade nos temas. Eu achei todos especialíssimos e durante

o semestre eu percebi que todos tiveram uma profundidade muito legal, muito instigante de pensar. E eu queria dizer uma outra coisa que achei bem interessante, que foi o seguinte, uma densidade que deixou um excesso...

É como se o tema não tivesse sido aprofundado em toda a sua capacidade de aprofundamento. Mas eu achei isso bacana, porque isso acabou estendendo o tema para fora do seminário... o pensamento sobre os temas debatidos. Então, assim, eu adorei! Achei os textos maravilhosos, as apresentações... para mim, irretocável."

3.3 De Halina Grynberg

"Eu penso que tentei fazer uma compreensão que eu diria transversal, quer dizer, um atravessamento do espaço de pensar que a Angela propicia. Mas ela propicia um espaço de pensar, a partir de textos matriciais na psicanálise, textos que poderíamos dizer essenciais.

São textos que contêm questões básicas para quem precisa aprender a produzir o trabalho psicanalítico no setting. [...]

Nós aprendemos aqui, a tentar transbordar os efeitos que as leituras e que o convívio em grupo tem produzido para nós como analistas em formação. Então essa experiência de grupo torna simbolizável, coisas que seriam, de outra maneira, ultrapassadas, autoritárias, esgotadas.

Com isso, eu creio que surge aqui, na experiência de grupo que a Angela promove, o que o próprio Ogden chama de terceiro

analítico, né? Nós somos um grupo onde pode-se pensar junto e diante dos outros participantes do grupo... Diante da Angela, com a Angela, com cada um... todos nós que estamos aqui... os que ainda hoje não estão. Nós temos uma capacidade de formular uma nova relação entre o princípio primário dos afetos e o princípio secundário de um saber.

Então, que sorte a nossa! E que agradeço a todos nós, a todos vocês, porque a gente pensa junto. Aqui ninguém pensa sozinho, e os outros ouvem."

3.4 De Flavia Bali

"É uma experiência completamente diferente de uma aula formal esse seminário. Essa coisa da gente tá falando e você (Angela) anotando é maravilhoso, né? Porque já começa tudo diferente...

Porque normalmente o professor tá falando e o aluno anotando. Então aqui é genial... a gente é todo mundo autor.

Eu já fiquei achando muito estranho quando estávamos todo mundo na maior confusão resolvendo qual seria o tema... não estava entendendo direito aquilo.

E depois, quando eu entendi, fez um calor e falei: "Eita, isso é diferente".

E não foi na minha cabeça, foi no meu corpo...

Aos poucos eu fui entendendo essa coisa da experiência clínica... ter essa dimensão do corpo na experiência clínica, que é muito difícil da gente encontrar sendo tratada, ou falada e muito menos vivenciada em outros lugares. [...]

Assim, cada pessoa que troca é um encontro diferente, é uma produção Diferente... do mesmo modo como o que a gente vive na clínica, onde se troca o analista, se

troca o paciente, fica tudo diferente. E isso acontece aqui...

Essa coisa de que os textos são um impulso. Algumas vezes a gente sequer entrou no texto, teve só uma frase de start e a gente ficou em torno do que era um assunto pra gente...para quem estava presente, para quem estava falante... Isso é realmente diferente. Acho que fica chato todo mundo ficar falando: "Ah, seminário incrível, maravilhoso". Mas é incrível e maravilhoso.

Incrível e maravilhoso porque é vivenciado. Se aproxima muito da experiência clínica mesmo... das coisas que não se esgotam, as verdades que não são únicas, o texto que é vivo... o "tudo é vivo".

E aí eu acho que teve, para mim, a culminância do Ogden. Não à toa o Ogden ficou para o final, não é? Acho que isso ficou apoteótico, porque ele traz, em palavras muito sensíveis,esse modo da clínica... uma clínica muito viva, muito autoral, que consegue abarcar o mundo inteiro sem guerra... com amor mesmo, eu acho."

3.5 De Angela Moreira

"Eu acho realmente que é uma experiência clínica com você (Angela): a sua forma de escutar, a forma de você se colocar, o seu interesse, assim, muito genuíno mesmo, de querer saber quem é que está falando e o que está falando.

Eas suas devolutivas para a gente são sempre incríveis. Quase sempre no finalvocêreserva, para você, um final emque se coloca diante dos temas trazidos, de uma maneira assim muito humilde, muito de troca mesmo. Nada de "suposto saber", nada de "eu sou a dona do saber", ou então "você são os meus aprendizes". Eu

acho que na medida que você anota tanto as coisas que a gente fala, você deixamuito claro o quão rico é a nossa presença no seminário em sí, né... onde você consegue com essa postura, imagino que igual à do seu consultório, guardada as devidas proporções.

Aqui, a gente vai falar, né, e você pergunta muito mais do que fala. No finalzinho é que você faz um apanhado geral, e quando a coisa tá muito sem um fio ou sem uma sustentação, aí você corre e coloca as coisas para entender de fato, o que que a gente tá falando... e isso implica também um respeito absoluto por quem fala.

Então, a sua postura enquanto essa pessoa que tá à frente e ao lado, aqui no seminário, é, assim, um motivo de grande aprendizado da conduta do analista em seu consultório, só que aqui você faz isso em grupo, o que é algo muito maior. Inclusive, possivelmente mais difícil, né, de ouvir e falar no tempo certo. Foi realmente (e é) um prazer enorme, viu, Angela, estar aqui nos Ditos e Escritos e Aprendidos. Muito obrigado.”

3.6 De Vera Vasconcellos

“Sexta-feira a aula é com a Ângela, né? Esses encontros acabam sendo uma síntese da semana para a gente.

Não é só a síntese o que a Ângela faz, mas como o grupo é muito e é múltiplo, e tá sempre em quase todos os encontros — e eu fico morrendo de dor de não estar no encontro do Ari, porque meus netos não deixam, mas eu fico sempre com ciúme de tudo que se discute lá e eu não sei, né? — eu acho que na

síntese que a Angela faz, a gente acaba trazendo discussões diretas ou indiretas, das que foram feitas nos outros lugares, nos outros encontros também.

[...]

...então, eu não consegui fazer uma síntese especificamente desse encontro, porque eu acho que a síntese deste encontro é a

síntese da semana, que, para mim, acaba sendo também a síntese da minha chegada na SPID ou do meu namoro com a psicanálise, que era uma coisa que eu tinha deixado de lado na minha vida, e onde, por exemplo, os textos da Angela me ajudaram tanto no mestrado quanto no doutorado, e outros que eu li no livro da PUC, de Psicologia Clínica, e que me ajudaram também a entender a minha angústia de ter chegado num lugar que não era mais o lugar que eu imaginava ou do lugar que eu tinha fugido, que eu tinha medo. Era outro lugar... um lugar que eu posso estar. Um sentimento assim de pertencimento, né? Bom... Eu não sei explicar mais do que isso, mas está aí."

*“A poesia, quando nasce,
se espalha
por esse chão de mundo
despoluindo o ar
viciado de solidão,
como se os homens pudessem
se encontrar nas palavras
além do vazio
que faz o verso”*

(João Navarro – heterônimo de Horus Vital Brazil)

4. Ditos e Escritos 2026 e os 100 anos de Horus Vital Brazil – Sua obra e o seu legado para cada um

"A partir do aforismo de que o homem não pode não significar, ficamos referidos ao fato da significação que se situa na prática e envolve analista e analisando...num campo intersubjetivo"

(Horus Vital Brazil)

No contexto das comemorações do Centenário de Horus Vital Brazil, que se estenderão ao longo de 2026 na SPID, Angela, propôs a abertura de um eixo de trabalho dedicado ao pensamento deste importante autor e psicanalista, para o Ditos e Escritos 2026.

A coordenadora destacou a amplitude e a diversidade da produção de Horus, marcada por numerosos textos, conceitos e articulações teóricas que atravessaram sua obra. Observa que muitas das formulações que a mobilizaram em seu próprio percurso teórico-clínico encontram ressonância em leituras feitas ao longo do tempo dos escritos e aulas com o Hórus, ainda que frequentemente apropriadas de maneira singular e transformadas em um estilo próprio de elaboração. Tal gesto, segundo costumeiramente afirma, é constitutivo do trabalho intelectual e clínico: tomar aquilo que lhe serve e reinscrevê-lo de forma autoral.

Embora Horus Vital Brazil não tenha deixado uma obra completa sistematizada, sua produção é extensa, e um dos objetivos associados a esse movimento comemorativo será uma provável reunião de todos os textos por ele publicados na revista *Tempo Psicanalítico*, da qual foi editor-chefe desde o primeiro número, em 1978, tendo contribuído praticamente para todas as edições. Angela antecipou ao grupo, que uma das propostas acerca da coleção

desse material, será organizá-lo em uma possível edição especial do periódico – *Tempo Psicanalítico - Edição especial Hórus Vital Brazil*.

Entre os livros publicados pelo homenageado, Angela destacou e elegeu para o contato inicial do grupo, *Psicanálise: 100 anos depois e outros ensaios* (1978 a 2004), sua última obra, na qual o próprio Horus realizou uma seleção de artigos escritos ao longo de sua trajetória. Esse livro reúne textos considerados centrais para a compreensão de seu pensamento.

Dentre esses artigos, Angela enfatizou *A função da interpretação psicanalítica*, no qual ele comenta um texto de Harry Ganttrip, autor da escola inglesa que realizou análise com Fairbairn e Winnicott. A leitura proposta neste texto permite evidenciar a pluralidade interna da escola inglesa, especialmente no que diz respeito à concepção de suas bases, com Melanie Klein, até às diferentes formas de apropriação teórica dentro dessa tradição. A partir daí, Angela apresentou o que seria uma afinidade teórica, ao que foi trabalhado no semestre que passou, através do pensamento de Thomas Ogden, e seu pluralismo teórico.

Embora marcado por uma orientação lacaniana, Horus Vital Brazil sustentou, ele também, uma posição pluralista, na qual a valorização do leitor ocupa um lugar tão ou mais fundamental do que a autoridade do autor – traço que Angela aponta como um de seus principais legados.

Ela observa que Horus a exemplo de outros pensadores independentes, preserva uma liberdade teórica que lhe permite transitar entre diferentes matrizes, sem abdicar de uma marca própria.

Além do primeiro texto citado, Angela indicou o artigo *Sintoma, significação e cura*, também parte do livro de indicação primordial, que dialoga diretamente com muitas das discussões desenvolvidas num dos seminários de

Hórus, do qual ela participou e foi ser comentadora, o que resultou num artigo próprio.

Como já afirmado, a proposta para o Ditos e Escritos será selecionar alguns eixos conceituais do pensamento de Horus a partir desse conjunto de escritos. Entre os temas possíveis, destacou-se para uma primeira oportunidade a noção de *moldura* ou *enquadre*, considerada por Hórus como elemento fundamental do dispositivo analítico, e que faz contraponto a muitas perspectivas teóricas que tendem a minimizar sua importância, como a de colegas lacanianos.

Angela afirmou que outros temas serão apresentados aos participantes do seminário, a serem organizados em forma de enquete e escolhidos coletivamente, e, assim, orientando o percurso do semestre de uma forma mais abrangente aos trabalhos do autor homenageado.

Por fim, reconhecendo o caráter denso e, por vezes, hermético da escrita de Horus Vital Brazil, Angela ressaltou que, apesar disso, ele valorizava profundamente a simplicidade clínica. Destacou ainda a admiração mútua entre ele e o psicanalista Hélio Pellegrino, com quem mantinha diálogos construtivos, embora sustentassem posições teóricas e estilos de pensamento distintos, e enalteceu sua participação no desenvolvimento do modelo amplo e personalizado de formação psicanalítica que hoje pode ser oferecido pela SPID.

PROGRAMA SEMINÁRIO DITOS E ESCRITOS - SETEMBRO DE 2025

Horário: sexta às 16:15

Coordenação: Angela Coutinho

Dia 05/09

Apresentação e discussão do programa, bibliografia e metodologia

Dia 12/09

“Ensino e transferência de trabalho”

Elisa Alvarenga (2003)

Link: https://www.ebp.org.br/1por1/335/um_por_um_335_ensino_e_transferencia_de_trabalho.html

Obs: 1) ChatGPT -Transferência de trabalho

19/09, 26/09 e 03/10

‘Inconsciente’

Angela Coutinho (2025)

Link: <https://drive.google.com/file/d/1m0OLZBthGYs2WTxImUug6aussc1Mt00j/view>

Obs: 2) ChatGPT – lcs coletivo (Jung) versus freudiano versus lcsmaquínico (Deleuze e Guattari)

10/10

“O conceito de Transferência em Freud”

Welber de Barros Pinheiro (2014)

Link: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/54153/1/monografiawelbertransferencia.pdf>

17/10

“A estratégia da Transferência como contradispositivo”

Marcia Cristina Maesso (2020)

Link: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/CTbjC7SDMb57HS4zdPfyZFm/?format=pdf&lang=pt>

24/10

“Diagnóstico em Freud e Lacan: objetivos, métodos e critérios”

Marcos Chedid Abel (2013)

Link: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/420/186>

31/10

“A importância e o perigo do diagnóstico”

Thales Tannus (2025)

Link: <https://drive.google.com/file/d/1ku7LCgfM1dCU1tVyQUzogeIBUTAJOZn7/view>

07/11

“Dando nome aos Bois - sobre o diagnóstico em psicanálise”

Marcus André Vieira (2001)

Link: https://www.litura.com.br/artigo_repositorio/dando_nomes_aos_bois_pdf_1.pdf

14/11

“A importância de Thomas Ogden para Psicanálise Contemporânea”

Fabio Brinholli & Nelson Ernesto Coelho Jr (2020)

Link: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/gdX743CYDkYnFQQKLBF3rVN/?format=pdf&lang=pt>

21/11

“Thomas Ogden em conversa com Luca Di Donna”

Thomas H. Ogden (2016)

Link: https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/04_Thomas-Ogden_SPPA_v23_n3_2016.pdf

28/11

“Como eu falo com meus pacientes”

Thomas H. Ogden (2022)

Link: <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/nparacaju-multiverso-2025-v5-12.pdf>

5/12

Avaliação do semestre, trabalhos e sugestões

